

Banqueiros elogiam Plano Collor

por Getúlio Bittencourt
de Montreal

Uma equipe do Ministério da Economia, liderada pelo secretário de Planejamento, Marcos Fonseca, e pelo chefe do Departamento Internacional, ministro Clodoaldo Hugueneu Filho, conversou ontem com representantes de diversos bancos credores do País — a começar pelo maior deles, o Citicorp, seguindo-se o Lloyds Bank, o Chemical Bank e o Bank of Tokyo.

“Nós viemos perguntar quando o governo brasileiro iniciará seu diálogo conosco”, disse a este jornal, na saída do encontro, o vice-presidente senior do Citicorp para assuntos internacionais, William Rhodes, que até recentemente chefiava o comitê assessor de bancos para o País. “Mas eles nos explicaram que no momento o governo está concentrado no campo interno. Eu gostaria de ter mais detalhes, mas infeliz-

mente não tenho”, acrescentou.

O diplomata Hugueneu deu alguns detalhes da conversa com Rhodes e com o Lloyds Bank. “Ambos elogiaram o Plano Collor”, disse ele, “e Rhodes enfatizou que o próprio presidente do conselho do Citicorp, John Reed, considera o plano de estabilização brasileiro muito bom. De um modo geral, nas conversas de que participei com os banqueiros, eles foram compreensivos com a ênfase que estamos dando no momento à implementação do plano”, acrescentou.

Rhodes, durante o diálogo, lembrou o problema do atraso de juros. O Brasil deve US\$ 5,5 bilhões em juros atrasados aos bancos comerciais. E um de seus acompanhantes no encontro, o presidente do Citicorp no Brasil, Antonio Boralli, fez uma breve intervenção também sublinhando as dificuldades que os atrasos nos juros provo-

cam na renegociação da dívida externa. “Mas nenhum deles pressionou demais”, disse Hugueneu.

Um dos representantes do Bank of Tokyo numa das conversas seguintes com a equipe brasileira, seu vice-presidente senior para a América Latina Sachio Kohjima, disse a este jornal que “fomos indagar quando a senhora Zélia Cardoso de Mello, ministra da Economia vai conversar conosco. Mas eles nos disseram que no momento estão com todas as atenções voltadas para a reforma da economia. Por isso não tenho mais nada a dizer agora”.

Outro banco teve um encontro com a equipe brasileira, o First Boston International, mas nesse caso, por não se tratar de um credor, o assunto foi diferente: privatização. Os representantes do First Boston ofereceram seus serviços de assessoria para o programa brasileiro.

Fonseca e seus colegas, em suma, repetiram as poucas informações postas no discurso da ministra da Economia. “Mas eu não esperava nada diferente”, disse a este jornal o vice-presidente que opera títulos do Brasil na Salomon Brothers Inc., Alastair Tedford, “porque o Brasil primeiro vai se concentrar em seu programa de estabilização, e depois possivelmente precisa do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), para então iniciar contatos práticos com a comunidade financeira internacional”, acrescentou.

Pelo menos um banqueiro conseguiu, de passagem, trocar algumas palavras com a própria ministra Zélia Cardoso de Mello. Ele elogiou o Plano Collor, e fez uma ponderação de que a taxa de câmbio brasileira continua baixa. A ministra não respondeu diretamente, mas não pareceu discordar.